

VÁRIA

Ricardo Severo

Depois de longos anos de ausência no Brasil, visitou Portugal no ano findo o nosso eminente compatriota, fundador da «Portugália», sr. engenheiro Ricardo Severo. Foi uma grande alegria para todos os que, como nós, neste país o estimam e admiram. Todos sentimos apenas que a sua permanência tivesse sido tão curta, pois nos últimos dias de Dezembro já Ricardo Severo regressava ao Brasil, com as suas gentis filhas que o tinham acompanhado a Portugal.

Esquivou-se o grande português a tôdas as manifestações solenes de homenagem que várias entidades desejavam justificadamente tributar-lhe, mas recebeu as saudações despidas de protocolo, — aliás cheias de funda significação — que os seus amigos e admiradores lhe dirigiram em todos os pontos de Portugal que visitou.

A Sociedade de Antropologia, que no Pôrto desvanecidamente se julga, sob alguns aspectos, herdeira, embora modesta, da alta função intelectual e nacionalista da pleiade portuense da «Portugália», manifestou desde o primeiro momento os seus sentimentos de aprêço pelo seu ilustre consócio. Foi votada por aclamação, em sessão de 25 de Outubro de 1935, uma saudação calorosa a Ricardo Severo. Quis, porém, êste exprimir de modo bem vincado a sua simpatia — tão honrosa — por esta colectividade, e ofereceu à nossa biblioteca o magnífico espólio bibliográfico da «Portugália» e da Sociedade Carlos Ribeiro, acompanhando essa oferta duma carta que é um nobilíssimo documento de elevação intelectual e de serena fé patriótica. Enviou-nos ao mesmo tempo os estojos que contêm a excelente aparelhagem antropométrica com que fez os seus trabalhos de investigação somatológica.

A Sociedade de Antropologia significou naturalmente a Ricardo Severo o seu vivo reconhecimento, mas julgou ainda necessário não deixar passar a oportunidade desta rápida visita do fundador da «Portugália» ao nosso país para lhe prestar a homenagem de admiração e affecto que lhe era devida pelo esforço e labor notá-

veis que tem desenvolvido no campo dos nossos estudos. Em sessão da Sociedade de 17 de Dezembro de 1935 foi Ricardo Severo eleito por aclamação, sob proposta do Conselho Director, sócio honorário, e grande tinha sido já a nossa alegria quando êle se dignou aceitar — sob a condição, que respeitamos, de ausência de qualquer solenidade — o nosso convite para um almôço em sua honra.

Realizou-se êste almôço no Restaurante Comercial, do Pôrto, em 10 de Dezembro, tendo assistido apenas sócios da Sociedade, além de Ricardo Severo, seu ex.^{mo} irmão, seu velho amigo Prof. Carlos Lima e Fonseca Cardoso, filho do seu saúdoso camarada da Sociedade Carlos Ribeiro e da «Portugália». Estavam 20 sócios da Sociedade, tendo sido recebidos numerosos telegramas de adesão a esta homenagem, singela mas bem eloqüente e calorosa, que ficou constituindo um dos acontecimentos mais expressivos e cordiais nos quási dois decénios de existência desta colectividade e seguramente na vida cultural portuense.

A imprensa diária referiu-se largamente a êste almôço, em que Ricardo Severo foi vivamente saúdado, agradecendo no final em comovidas palavras, nas quais evocou a história da Sociedade Carlos Ribeiro e do núcleo da «Portugália».

Dirigimos ao grande português, já a estas horas restituído à sua vida habitual da laboriosa metrópole paulista, o testemunho da nossa saúdosa e agradecida admiração.

*

* *

Foi do teor seguinte o sugestivo discurso de Ricardo Severo no final do almôço de 10 de Dezembro:

No quadro de intimidade em que, por bondade vossa, haveis transformado esta reunião de consócios dum grémio de ciência, permiti que eu invoque as recordações que até aqui me trouxeram, guiadas pela vossa mão generosa e amiga.

Vendo as vossas instalações, em edifício público sob o patronato duma Universidade, a vossa biblioteca e laboratórios, os vossos estudos e publicações, os vossos esforços e lutas contra a carência de meios e para um ideal de ciência pura, felicito-vos por tal raro sucesso em um ambiente que bem conheci, como susceptível de notáveis iniciativas pessoais, mas sáfaro de institutos de estudo, especialmente do apoio e da colaboração oficial.

Vou a-propósito, lembrar-vos as modestíssimas origens dum primitivo grémio, fundado nesta cidade, há quási meio século, por

um punhado de estudantes. E permiti que, como preito da mais íntima saüdade, o faça pela voz de Rocha Peixoto, cuja memória hei que evocar neste momento em que o vosso gesto de afectiva simpatia constitue homenagem grata e admirável a uma geração de precusores.

E êle foi um precursor, um organizador, sobretudo um poderoso e eloqüente animador!

Esta diminuta Sociedade intitulou-se «de Carlos Ribeiro» — para o estudo das ciências naturais e sociais em Portugal — e a-propósito da sua fundação, escreveu-nos então o sábio Quatre-fages, com palavras de louvor, que, colocando-nos sob a égide do eminente geólogo e etnólogo português, «havíamos levantado o monumento que êle próprio teria escolhido».

Durou esta corporação dez anos, com alguns opúsculos publicados e vinte fascículos da sua revista. Ao transformá-la em 1898 na seqüente publicação «Portugália», coube-me e a Rocha Peixoto o encerramento dêste primeiro período, com o panegírico de Carlos Ribeiro e a sümula histórica da Sociedade. Desta última vos reproduzo alguns parágrafos, pelo prazer e pelo dever de exalçar nesta oportunidade, para mim de máxima ventura, o inesquecível e insigne companheiro.

Assim falou Rocha Peixoto, sôbre «a traça dêste minúsculo e rebelde corpo colectivo»:

«Foi sempre de rapazes ou dominou, na sua acção, o espirito meço, o grémio, primitivamente de cinco, que, em julho de 1887, n'umas calidas e apprehensivas vespersas de actos, delineou os traços geraes d'uma *Norma provisoria* e regulamentadora da Sociedade que se collocava entusiasticamente sob a égide memoravel e perduravel do geólogo Carlos Ribeiro. Reunimo-nos os cinco, em casa d'um, ao Moinho de Vento — Fonseca Cardoso, João Barreira, Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Xavier Pinheiro — e já por essas manhãs quentes da estação e da idade retalhávamos o paiz em zonas de estudo, distribuíamos entre nós e os que se esperavam as especialidades mais urgentes, fixamos bases de reformas de institutos, creio mesmo que projectamos congressos scientificos.

«O mais velho de nós deveria ter atingido então os vinte annos!

«A escola impoz uma tregoa feroz á campanha e ao devaneio. Breve, porém, ella iria ousadamente iniciar-se, batendo em face o assumpto que se nos afigurou primordial. Na séde da instituição que nascia, surgindo quem carecesse de instrumentos de estudo, não existiam nem laboratórios, nem museus. Começasse-se por ahi, em lucta viva: para depois a grande Obra de

paz n'uma grande Revista, órgão da Sociedade, nucleo da Corrente a encetar — acumulando material, exhumando archivos — n'uma heroica renuncia pelas faceis e ephemeris glorias das generalidades, n'uma espontanea condemnação ao labor benedictino do inquerito ao solo e á patria portugueza!»

Surge então a campanha do Museu Municipal, a seguir a da Reforma da Academia Politécnica, dos seus laboratórios e colecções, dos seus métodos de ensino, e alguns outros opúsculos, ora de análise científica, ora de rebeldia iconoclasta:

«N'esta via, já mais adstricta ás questões eruditas, um de nós publicou a primeira obra de paz, vulgarisando e commentando a missão paleoethnologica, na península, d'um investigador francez. E como á associação indomita adherissem Bazilio Telles e Julio de Mattos, cuidou-se de refazer o *Estatuto*, marcando, com precisão, intuitos, estabelecendo, com nitidez, os quadros. Nomeou-se uma direcção que a escassez dos socios obrigou a tornar-se inamovível (Annexo B). Planeou-se a biblioteca; delineou-se, com infinito horisonte, o museu, já obsidiante desde as rijas campanhas da gloriosa e passada verdura. Mas ao addiar-lhe ainda a iniciação por falta de dinheiro, a despeito de ofertas e acquisições, que diziamos maravilhosas, o mesmo gesto d'outr'ora, desenhava, no espaço, a mesma ira, a intemperança da expressão affluia freme de protesto contra o «capitalismo voraz e tenebroso»!

«Adheriram mais socios, poucos sócios! E estranhos, em grande parte, ao que os rapazes ainda fariam, não foi sem salutar influencia o dominio do saber e do valor de dois homens que, na sisudez vigente e garante de então, se uniram aos rapazes que «aquella formosa austeridade da cordura nacional» dissera trilha-rem por «senda tam escabrosa quam invia»!

«Conseguimos lançar a *Revista* por meados de 1889. Abria com palavras que ainda hoje e sempre manterão, com a mesma intensidade, o mesmo brilho, accentuando Bazilio Telles, que as escrevera, a ausência, no paiz, de correntes de investigações transmitidas de geração em geração. Entre nós o trabalho mental tinha um carater voluntarioso e dispersivo: curiosidades e virtuosismos sabios. Pois nós — é possível que Bazilio Telles o crêsse? — cuidaríamos de iniciar essa corrente.»

Iniciou-se o período das excursões pelo país a estudar o solo, a fauna, e a flora e também as suas riquezas para as eminentes soluções económicas; realizaram-se explorações archeológicas e

etnográficas; e atacou-se revolucionariamente o problema máximo da politica constitucional.

Continúo reproduzindo Rocha Peixoto, porque são de curiosa actualidade os seus audaciosos comentários:

«Assim armados esboçamos, naturalmente, innumerous projectos de regeneração nacional, passo a passo modificados por novas acquisições e subsidios. Até que, já para o fim, em presença de Bazilio Telles, cuja bondade e sabia, e penetrante e lucida mentalidade nós legitimamente admiravamos, elaboramos um largo plano de reforma, por sessões, aos capitulos, que um dia lançaríamos ao paiz como unica remissão salutar e duravel.

«Depois — e os chimericos moços assim enfeixavam a sua politica colonial e exterior — cumpria-nos reatar a nossa expansão extra-metropolitana, retrogradando. Como? Com a Hespanha, conquistando e partilhando Marrocos. Para Portugal a parte atlantica, magnifica região bem irrigada, bons pastos para gados, o futuro celleiro da peninsula, como a Numidia já o fôra dos romanos; para a Hespanha o resto da Berberia.

«Isto seria reatar o pensamento inicial do Infante, não proseguido pelas sabidas circunstancias do tempo; êste fôra o mobil indefinido, irrompendo como uma faisca de genio inconsciente, que levára um desventurado principe ao desastre de Alcacer, sob pretextos religiosos e outros; no seu abandono, por fim, esteve o erro desattento e insciente de Pombal!

«Carlos Magno com a sua tentativa do novo Imperio do Occidente, Richelieu depois, por ultimo o Bonaparte, não reduziram afinal similares esforços a um mesmo pensamento?

— Pois bem, retomemos o nosso!

«A' Hespanha cumpria uma reivindicación: expulsar o inglez de Gibraltar. E fôra seu erro fundamental o consentimento do francez em posse da Algeria, que assim a illaqueava por dois lados; libertar-se d'elle alli eis outra conquista para mais tarde. Então os dois paizes peninsulares, a nossa respeitavel potencia atlantica, garantida por uma grande força naval, a Hespanha enriquecida, tam pouco, e avigorada, commandariam a ante-bacia mediterraneana.

«E não sei agora que escriptor inglez citavam os rapazes, homem esclarecido e sagaz, que demonstrara ter a peninsula, como um dos seus destinos, de reduzir os povos contiguos ao seu dominio, ou ser por elles dominada. E ahi vinha o carthaginez, os kalifas, depois Ceuta, Tanger, Alcacer-Kibir e a Kabyllia!

«— Ora cá, ora lá. Eis, patente, o fatalismo d'um destino!
«Era o tal, que o bretão denunciava!

«Effectuada a necessaria alliança com a Hespanha o pueril e indouto temor da absorpção não nos tocou. Mesmo no periodo da intrusão ella não soube nem podia realisal-a. Eramos um trambolho bem mais serio do que para a Inglaterra a Irlanda, outro trambolho.

«Justificando e desenvolvendo o thema alargavamos os planos da política externa até á phantasia do dominio de todo o Mediterraneo pela duas peninsulas, a Iberia e a Italia. A esta também lhe cabia a reivindicção da Corsega usurpada; para o seu dominio a reintegração da Tripolitana. Ora com tal hegemonia, o poder naval e os postos dos Açores, da Madeira, Cabo Verde, as Canarias.»

Isto no que respeita à política internacional do sonhado império português; seguia-se o vasto plano da reconstituição do país, quanto ao regime agrícola e florestal das terras, à exploração marítima, às indústrias e artes regionais, a tódas as manifestações da tradição, da história, emfim do passado nacional que «sentiamos e afirmavamos amar nobilissimamente!» Mas, por essa altura, e após 1891, começou a separação.

«Certos nem lograram ultimar carreira, abruptamente lançados na vida, sofrendo e sentindo-lhe o travo. Outros emigraram ou ausentáram-se para o Rio Grande, para S. Paulo, para a Índia. Já muito antes um dos mais queridos desaparecera de vez, consignando-se doloridamente na Revista essa perda, cujo valor só nós conheciamos atravez dos documentos que elle reunira para o projecto duma carta arqueológica, para monografias sobre ceramica popular, sobre varios costumes, sobre os pelourinhos de Portugal.

«Do exilio frequentemente, pediam noticias, sobre a Revista, em que ficára tudo isto, se a mocidade generosa continuava pelos cafés, preguiçando e calumniando até ao emprego appetecido, como ia a patria e o impudente egoismo dos seus homens, quando nasceria o juizo a este povo estuporado e envilecido?»

«A Revista proseguiu e ainda um dos fundadores regressou a tempo de lhe amparar amorosamente a decrepitude. A Sociedade estava extinta de ha muito, desde o tempo em que ella, mais mascula, pensava atacar deveras a sua obra de estudo e ternura pela patria deprimida e infamada.

«Descoordenados, ás vezes contradictorios e incoherentes, com anciadas curiosidades multiplas, resultava, por fim, que cada um dos rapazes se fixaria n'uma applicação e n'um destino.

«Ora foi então que, angustiadamente, nos dispersamos.»

Uniu-nos todavia a «Portugália» por mais um decénio, de 1898 até 1908, e, nesta última fase de novas iniciativas puramente culturais, de desinteressado patriotismo, perdurou sempre o mesmo espirito de regeneração nacional, baseada na exacta ciência do nosso povo considerado no seu integral geográfico, étnico e histórico, desde a sua mais remota origem.

Lá se dizia de forma categórica no prospecto de 1 de Setembro de 1898: «preparar-se-á o renascimento da verdadeira alma popular... abrir-se-á um novo periodo de *Renascença* dentro da própria nacionalidade».

E se nos dispersamos ainda, foi porque a morte pouco a pouco esfacelou o grupo original, assim como cerceou os seus principais colaboradores.

Desculpai-me se não têm propósito estas reminiscências e nelas vos escondo o egoísmo da dor pessoal. Mas fosteis também os causadores, convidando velhos amigos que pertenceram àquele antigo cenáculo e colocando a meu lado descendentes de dois camaradas dos mais queridos, Fonseca Cardoso e José Fortes, que me acompanharam na vida como irmãos.

Portanto, as minhas palavras de gratidão por esta íntima prova da vossa estima, tinham que ser também de saúdosa evocação, pois que à memória destes ilustres estudiosos cabem em boa justiça os mais puros sentimentos de admiração que encerra a vossa homenagem.

A Vós, presados consócios e amigos, que sois os continuadores desta obra profundamente nacional, os meus cordiais emboras, pelos métodos rigorosos com que praticais as ciências da antropologia e etnologia — a bem da Verdade — e especialmente pela devoção patriótica que deles resalta, como a suprema inspiração do vosso trabalho para maior glória da *Grei Portuguesa!*

Nota de Coreografia popular trasmontana

II

A DANÇA DÓS PRETOS (CARVIÇAIS)

A curiosa dança dos *pretos* que era costume exhibir todos os anos pela quadra dos Reis, na vila de Moncorvo, e da qual demos uma nota descritiva no fasc. I do vol. VII desta revista, também

se realizou êste ano em Carviçais, rica aldeia do concelho de Moncorvo.

À amabilidade do Sr. Dr. José Cordeiro, natural de Carviçais, licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade do Pôrto, eu devo o obsêquio das informações sôbre as quais elaboro a presente notícia.

A dança dos *pretos* realizou-se em Carviçais, em 1885, 1896, 1909 e 1935. Houve pelo menos uma exibição anterior a 1885, mas não foi possível averiguar o ano ao certo.

A data da realização da dança, era, como em Moncorvo, no dia 5 de Janeiro, véspera do dia de Reis.

Êste ano, porém, a dança foi transferida para o dia primeiro de Janeiro, para não haver coincidência com a representação dos Magos, que teve lugar no dia 6 de Janeiro, e, ao que parece, com notável luzimento.

A dança dos *pretos* tal como se realizou êste ano em Carviçais, difere, num ou noutro ponto da de Moncorvo. Essa diferença é bastante acentuada, sobretudo na indumentária. É pena que não se tenham podido tirar algumas fotografias.

São dez os personagens; todos *pretos*, isto é, com a cara tingida de negro.

Oito, singelamente denominados *pretos*, correspondem aos oito *pretos* da borda de Moncorvo.

O *anjo*, corresponde ao prêto do meio.

Chouriço, é a designação dada em Carviçais ao prêto da caixa (1).

Os oito *pretos* são geralmente rapazes solteiros dos 16 aos 20 anos. Vestem camisola e calção vermelho, saia branca, curta,

(1) Em Moncorvo, consegui averiguá-lo últimamente, também o prêto da caixa era designado por *chouriça*. O nome é tido pelo visado como pejorativo. Quando êste personagem, noutros tempos, nos dias que antecediam a realização da dança, percorria as ruas da vila tocando a caixa para avisar os que tomavam parte na dança a comparecerem ao ensaio, o rapazio perseguia-o com a seguinte lenga-lenga:

Ó chouriça,
Bate à Mãe
Com batatas fritas.

Ó esfola gatos,
Ó esfola cães,
Ó esfola tudo
Quanto tens.

O prêto da caixa não gostava da brincadeira.

até ao joelho, cobrindo os calções, aos quais vão presos dois guizos, um de cada lado. Na perna, meia branca, até ao joelho. Na cabeça uma espécie de turbante vermelho, com um laço da mesma côr do lado esquerdo.

O *chouriço* tem indumentária semelhante. Em vez de turbante cobre a cabeça com um chapéu de três bicos.

Para *anjo* escolhe-se um rapaz de 10 ou 12 anos. A sua vestimenta é tôda branca, inclusivé os próprios sapatos. Na cabeça leva um gorro de papelão, recortado no alto em bicos como os dentes duma serra.

Os *pretos* caminham em duas filas de quatro, isto é, formados dois a dois. No meio dêles segue o *anjo*. Atrás vai o *chouriço* rufando num pequeno tambor ou caixa.

Param em determinados locais e os *pretos*, conservando as mesmas duas filas, fazem meia volta e ficam agora voltados uns para os outros. Numa das extremidades o *anjo*, na outra o *chouriço*.

Cada um dos *pretos*, sem sair da forma, recita uma quadra pela ordem seguinte:

1.º

De todos sou o primeiro,
Com tôda a convicção,
A seguir a lei de Cristo,
Ser verdadeiro cristão.

2.º

Cristão não basta dizer;
Cristão é paz e amor;
Cristão é seguir à risca
Os preceitos do Senhor.

3.º

Do Senhor os mandamentos
Poucos sabem executar.
É seguirmos à certeza
Para a glória alcançar.

4.º

Alcançar a salvação
Para a bemaventurança,
É para tôda a humanidade
A mais risonha esperança.

5.º

A esperança é virtude,
Que ao cristão faz prever,
A glória do Paraizo
Para o eterno bem viver.

6.º

A viver eternamente
Junto ao trono do Senhor,
Creio que será concedido
A qualquer pecador.

7.º

Se o pecador não tiver
O maior arrependimento,
Terá que penar suas culpas
Na hora do passamento.

8.º

Na hora do passamento
Tudo são tribulações.
Só Deus é que salva as almas
E ampara os corações.

Os cito *pretos*, sem se deslocarem, formam dois grupos de quatro, dando as mãos direitas ao alto. Em seguida rodam lentamente e cantam a quadra que segue. O compasso com que vão rodando é executado de tal forma que, quando a quadra finda, cada um ocupa o primitivo lugar.

Virgem Santa do céu, já nasceu
Vosso filho infante Jesus,
Veio ao mundo p'ra nos salvar,
Dar-nos graça, amor e luz.

Depois o *anjo* caminhando por entre as duas filas, vai até ao extremo destas, e em seguida recua, andando para trás, até ocupar o seu primitivo lugar. Ao mesmo tempo canta estas três quadras:

Vós que sois rainha santa
Sempre virgem imaculada
Procurai ao vosso filho
Se no céu nos dá entrada.

A aurora se despontou
Cercada de resplendor;
É para tôda a humanidade,
Que é nascido o redentor.

Portanto continuai
Vossa dança com ardor,
Pedi a esmola aos brancos
Para a Mãe do Redentor.

Em seguida cantam todos:

Se quiserdes alcançar
A glória lá nos céus,
Dai a vossa esmolinha
Em louvor da Mãe de Deus.

Por último é ao *chouriço* que compete dizer as três quadras com que finda a dança:

Agora começo eu
Com a minha embaixada.
Escutai, se quereis ouvir,
Uma voz tão delicada.

Quando me chamais chouriço
Eu toco neste pandeiro (*bate com força*);
Subo-vos escadas acima
Dou um assalto ao fumeiro.

Quando me chamais chouriço
Para mim é uma alegria,
Porque andam festejando
O menino de Maria.

Acabou a dança e o *chouriço* pede a esmola, que todos dão de bom grado. A esmola às vezes é pedida simultaneamente por todos os figurantes da dança.

Recolhida a esmola, dinheiro para o bôlso, chouriços para o saco, os *pretos* em duas filas, com o *anjo* no meio e o *chouriço* atrás, rufando no tambor, seguem para outro local a repetir a dança.

Pagas as despesas feitas, o saldo é oferecido à Nossa Senhora do Rosário, Senhora dos Remédios ou a qualquer Santo.

A música para as quadras cantadas pelo *anjo* é diferente da que cantam os oito *pretos*.

O prezado consócio e distinto musicógrafo Armando Leça quis ter a amabilidade de escrever a música que segue, sobre elementos que acompanhavam as notas fornecidas pelo Sr. Dr. Cordeiro:

Coro

Virgem santa do céu já nos - ceu -
 Vosso filho in fante je - pus
 Virgem santa do céu já nos - ceu -
 Vosso filho in fante je - pus -
 Vem do mundo para nos salvar -
 Dar - nos gra - ça Amor e luz - Vem

Voz

Ó Vós que sois Mãe - nha Santa sempre
 Virgem Imaculada - Inocuar do vosso
 filho - Se no céu no dai eu - wa - da -
 Estribilho final

A opinião do Prof. Armando Leça é de que, «o canto dos pretos nada tem de singular. É melodismo comum ao usado nas novenas. Na voz poder-se-á encontrar *ritmopeia* (—V=trocaio), muito em voga nos vetustos rimances. O estribilho é enxêrto banal do século passado».

*

* *

Como vimos, há notícia de cinco exhibições da dança dos pretos em Carviçais; é portanto notória a sua menor importância em relação à dança similar que todos os anos se efectuava na vila de Moncorvo (1).

Na vestimenta dos oito pretos temos como facto digno de especial registo, a presença duma saia curta o que deixa talvez transparecer influência, apenas da indumentária é claro, da dança dos paulitos, única dança trasmontana, ao menos que eu saiba, em que os seus figurantes vestem saia.

A dança dos pretos de Carviçais é, sensivelmente, uma réplica da de Moncorvo; ao menos assim permite supô-lo a regular organização anual da dança na vila.

A presença da saia nos pretos de Carviçais que não encontra explicação fácil, dá-lhe um certo ar de primitivismo, a não ser que isso resultasse dum capricho inovador de quem a organizou, como muitas vezes sucede em tantos velhos usos e costumes que a pouco e pouco se vão adulterando, perdida a sua pureza primitiva, para dar lugar a manifestações folclóricas tão estranhas, que, por vezes, é difícil descobrir-lhes a origem.

Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR.

Assistente da Faculdade de Ciências do Porto,
 Conservador do Museu Antropológico
 Bolseiro da Junta de Educação Nacional

(1) Também este ano, em Moncorvo, voltou a sair a dança dos pretos. Bem é que o amor da tradição vá ressuscitando os velhos costumes e procure mantê-los na sua pureza primitiva.

Congressos

Em Agosto próximo reúne em Oslo o II Congresso Internacional de Ciências Pre-históricas e Proto-históricas. Existe uma delegação portuguesa no respectivo *Comité* permanente

De 27 do mesmo mês a 1 de Setembro de 1936 reúne em Copenhague o IV Congresso Internacional de Linguístas.

Esperemos que os nossos antropologistas não deixem de tomar parte nestes Congressos e similares, cessando a sua sistemática e deplorável ausência de reuniões como foram em 1934 o Congresso de Ciências Antropológicas e Etnológicas, de Londres, e em 1935 o de Americanistas, em Sevilha, o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, em Bruxelas, e o Congresso Internacional da Ciência da População, em Berlim.

Compreender-se-ia essa ausência, se Portugal não tivesse a tradição gloriosa de estudos antropológicos que tem, e se os nossos especialistas não pudessem apresentar trabalhos originais, como podem, em reuniões daquela natureza. Quanto ao Congresso de Americanistas, dir-se-ia que não foi um português quem descobriu o Brasil, que não foram portugueses os colonizadores do grande país, e que não temos ali, ainda hoje, a-pesar-da independência política, imensos interesses materiais e espirituais. Já faltamos aos de Hamburgo, Washington e Buenos Aires, depois do de 1926 em Roma!

O Congresso das Ciências da População em Berlim foi o segundo da série iniciada poucos anos antes em Roma. Ali se ventilaram questões fundamentais de demografia, higiene, eugenia, alimentação do povo, etc. A ausência de Portugal tanto em Roma como em Berlim não é lisongeira para o nosso país. Dir-se-ia que ninguém cá se importa com êsses assuntos.

Devemos acentuar que nenhuma responsabilidade pertence aos nossos cientistas. Em todo o mundo, os proventos dos investigadores raro são suficientes para grandes viagens por conta própria.

Na sede da nossa Sociedade se fornecem informes sôbre as condições de inscrição nos Congressos agora anunciados. A cotização é de 25 coroas norueguesas para os membros efectivos e 12 para cada um dos associados no Congresso de Oslo, e de 1 libra esterlina e 10 shillings respectivamente no Congresso de Copenhague.
